

Variação e mudança linguística: evidências a partir da perspectiva da construcionalização gramatical sincrônica

Language variation and change: evidence from the perspective of synchronic grammatical constructionalization

Lauriê Ferreira Martins Dall’Orto¹

Ana Paula Gonçalves Durço²

Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda³

Resumo: O presente trabalho tem por finalidade discutir a variação e a mudança linguística no âmbito da construcionalização gramatical sincrônica. Para tanto, apresentamos evidências empíricas de dois fenômenos da língua portuguesa – construções com “então” e construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”. Tomamos como base os postulados da Gramática de Construções nos termos de Goldberg (1995, 2016), de Croft (2001) e de Traugott e Trousdale (2013), no contexto da Linguística Funcional Centrada no Uso. Utilizamos, para as análises qualitativa e quantitativa dos dados, um *corpus* sincrônico de investigação, composto por textos retirados de *blogs*, de revistas disponíveis na internet e da mídia social YouTube. Os resultados apontam que, a depender do objeto de análise e dos objetivos do pesquisador, é possível falarmos em mudança e em variação, sob o enfoque do mecanismo da neoanálise e do mecanismo da analogização, mesmo a partir de uma perspectiva sincrônica de análise da construcionalização gramatical.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Construcionalização gramatical sincrônica. Variação e mudança linguística. Neoanálise e analogização.

Abstract: This paper aims to discuss language variation and change in the context of synchronic grammatical constructionalization. In order to fulfill the proposed objective, we present empirical evidence of two phenomena of the Portuguese language – constructions with “então” and evaluative constructions with “super”, “mega”, “hiper” and “ultra”. In this study, we assume the theoretical assumptions of the Grammar of Constructions in terms of Goldberg (1995, 2016), Croft (2001) and Traugott and Trousdale (2013), in the context of Usage-based Functional Linguistics. This data analysis is based on the qualitative and quantitative methodology taking as a basis a synchronous *corpus* composed by texts taken from blogs, magazines available on the internet and social media YouTube. The results show that, depending on the object of analysis and the researcher’s objectives, it is possible to talk about change and variation, focusing on the mechanism of neoanalysis and the mechanism of analogization, even from a synchronic perspective of the analysis of grammatical constructionalization.

Keywords: Usage-based Functional Linguistics. Synchronic grammatical constructionalization. Language variation and change. Neoanalysis and analogization.

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Juiz de Fora, MG, Brasil. Endereço eletrônico: lauriefm@hotmail.com.

² Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil. Endereço eletrônico: anapauladurco@gmail.com.

³ Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Juiz de Fora, MG, Brasil. Endereço eletrônico: patriciafabianecunha@gmail.com.

Introdução

A discussão empreendida neste artigo é originária de nossas conversas e estudos no âmbito do Núcleo de Pesquisa em Abordagem Construcional e Tradução (NUPACT), coordenado pelas Profas. Dras. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda e Lauriê Ferreira Martins Dall’Orto – do qual também faz parte a Profa. Dra. Ana Paula Gonçalves Durço –, na Universidade Federal de Juiz de Fora. Uma questão sempre presente em nossas conversas diz respeito ao lugar da sincronia de análise no cerne das investigações de construcionalização gramatical: é possível falarmos em mudança e em variação a partir da perspectiva da construcionalização gramatical sincrônica?

Conforme detalhamos nas duas primeiras seções deste artigo, a construcionalização gramatical consiste em um processo de mudança linguística que tem como resultado o surgimento de um novo pareamento forma-função na língua, de natureza mais procedural, de maneira gradual, isto é, através de uma sucessão de neoanálises morfossintáticas e semântico-pragmáticas ao longo do tempo. Assim sendo, uma análise linguística pautada na sincronia seria capaz de captar essa mudança ocorrida através do tempo? Além disso, partindo do pressuposto de que cada construção da língua é constituída por um pareamento de forma e função, isto é, de que cada forma linguística desempenha uma função específica na língua, que lugar ocuparia a variação linguística no âmbito da perspectiva da construcionalização gramatical?

É no contexto de tais questionamentos e a partir de evidências empíricas de dois estudos de caso – um acerca de construções com “então”⁴ e outro acerca de construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”⁵ na língua portuguesa – que o presente trabalho pretende demonstrar que, a depender do objeto e dos objetivos do pesquisador, à luz do mecanismo na neoanálise ou à luz do mecanismo da analogização, é absolutamente legítimo falarmos em mudança e em variação mesmo no âmbito da construcionalização gramatical sincrônica.

Dessa maneira, o artigo organiza-se da seguinte forma: i) na seção “Construcionalização gramatical”, apresentamos os pressupostos teóricos da construcionalização gramatical no contexto da Linguística Funcional Centrada no Uso; ii) na seção “Variação e mudança linguística”, tratamos da relação entre mudança e os mecanismos da neoanálise e da analogização, bem como do reconhecimento da variação em estágios iniciais de mudança; iii)

⁴ Parte da análise aqui empreendida acerca das construções com “então” constitui um recorte da tese de doutorado da coautora deste artigo (DURÇO, 2019).

⁵ Parte da análise aqui empreendida acerca das construções avaliativas com “super”, “hiper”, “mega” e “ultra” constitui um recorte da tese de doutorado da autora deste artigo (MARTINS DALL’ORTO, 2018).

na seção “Perspectiva sincrônica”, versamos sobre a perspectiva sincrônica de análise; iv) nas seções “Construções com ‘então’” e “Construções avaliativas com ‘super’, ‘mega’, ‘hiper’ e ‘ultra’”, apresentamos e discutimos dois estudos de caso; v) por fim, nas Considerações finais, apresentamos os resultados a que chegamos a partir dos questionamentos iniciais.

Construcionalização gramatical

As análises contidas neste artigo baseiam-se na corrente de estudos linguísticos denominada Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), cujos pressupostos teóricos e metodológicos incluem aqueles desenvolvidos pela Gramática de Construções (GC), nos termos de Goldberg (1995, 2016), de Croft (2001) e de Traugott e Trousdale (2013).

Da GC, utilizamos como postulados centrais (i) a noção de construção, que engloba, de maneira integrada, os aspectos fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático e discursivo de determinado fenômeno linguístico; (ii) o entendimento de que um conjunto de construções se organiza em rede; e (iii) o olhar para o léxico e para a gramática na perspectiva de um *continuum*. Inserimos, nesse contexto, o modelo de Traugott e Trousdale (2013), segundo o qual as construções de uma rede encontram-se hierarquicamente organizadas; de modo que analisá-las sob a perspectiva da mudança linguística implica levar em consideração as propriedades da esquematicidade, da produtividade e da composicionalidade, bem como os mecanismos da neoanálise e da analogização envolvidos no processo.

Entendemos construção, nos termos de Goldberg (1995) e de Croft (2001), como o pareamento entre forma e sentido – mais recentemente, entre forma e função linguística (GOLDBERG, 2016) –, isto é, como uma correspondência biunívoca entre ambas as partes, de maneira que essa unidade básica da gramática apresente dimensões gradientes. Segundo Traugott e Trousdale (2013), as construções de uma língua podem ser analisadas a partir de três propriedades, a saber: esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

A esquematicidade diz respeito ao grau de abstratização de uma construção, que, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), compreende três níveis em uma rede hierárquica, partindo do mais abstrato para o menos abstrato, quais sejam: esquema, subesquema e microconstrução. A segunda propriedade da construção proposta pelos autores é a da produtividade, que está relacionada ao grau de extensibilidade dos padrões construcionais e às frequências *type* e *token*, nos termos de Bybee (2011). Nesse sentido, um aumento de frequência *type* corresponde a um aumento de construções mais abstratas na língua, as quais se encontram nos níveis hierárquicos mais altos da rede construcional; enquanto um aumento de frequência *token* diz respeito a um aumento no uso de uma construção mais específica (ou

construto), empiricamente atestada. A última propriedade elencada por Traugott e Trousdale (2013) é a da composicionalidade, que pode ser medida em termos de correspondência e divergência entre a forma e a função de uma construção; isto é, a depender do seu nível de transparência, uma construção pode ser mais composicional ou menos composicional (mais idiomática).

Nessa concepção de língua como um conjunto de construções organizadas em rede, cujos nós encontram-se interconectados, a mudança linguística é vista sob dois aspectos: i) o da mudança construcional, que implica a alteração de apenas um dos componentes internos da construção (na forma ou na função); ii) o da construcionalização, que diz respeito às alterações tanto na forma quanto na função, instanciando um novo pareamento *forma < > função*, originando um novo nó na rede (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), o processo de construcionalização lexical ocorre de maneira mais instantânea, enquanto a construcionalização gramatical, por outro lado, envolve uma sucessão de micropassos – o que equivale a dizer que ocorre de maneira gradual –, a partir dos mecanismos da neoanálise e da analogização, os quais são abordados na seção seguinte. A gradualidade incorporada à noção de construcionalização, a que se referem os autores, pode ser concebida tanto do ponto de vista diacrônico – sob o termo *gradualidade* –, quanto da perspectiva sincrônica – sob o termo *gradiência* –, como resultado daquela.

Na seção seguinte, tratamos mais especificamente da construcionalização gramatical e da atuação dos mecanismos da neoanálise e da analogização na instanciação de novas construções na língua, bem como da relação destes com a mudança e a variação linguística.

Varição e mudança linguística

No âmbito da construcionalização gramatical, a mudança linguística é entendida como um processo dinâmico que tem como resultado a (re)formulação do sistema linguístico mediante a emergência de novos pareamentos forma-função na língua a partir das necessidades comunicativas dos locutores no momento da interação. A emergência de novos padrões construcionais, desse modo, envolve tanto um processo mais local, que consiste em uma nova interpretação de formas e funções já existentes em contextos específicos de uso, quanto um processo mais geral e mais abstrato, que diz respeito à atração de formas e funções a partir de um esquema construcional já existente e fixado na língua. Nesse contexto, são de fundamental importância os mecanismos de mudança linguística denominados por Traugott e Trousdale (2013) neoanálise e analogização.

O mecanismo da neoanálise – responsável pelo alinhamento entre padrões de uso e padrões gramaticais e pelo surgimento de novas construções na língua – refere-se a um processo mais local, que atua no eixo sintagmático e que está diretamente relacionado ao processo de metonimização, que, por conseguinte, está diretamente relacionado ao processo de intersubjetivização. É por meio do mecanismo da neoanálise que propriedades formais (fonológica, morfológica e/ou sintática) e funcionais (semântica, pragmática e/ou discursiva) da construção-fonte são alteradas (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

A metonimização, processo cognitivo que constitui uma motivação para a mudança linguística, diz respeito à expansão semântico-pragmática de uma construção, que passa a designar entidade contígua em um novo contexto de uso. Tal expansão envolve fortalecimento pragmático, aumento de informatividade e de expressividade. O acréscimo de expressividade do locutor é entendido em termos de um *continuum* de crescente (inter)subjetivização (TRAUGOTT, 2010; TRAUGOTT; DASHER, 2005). Quando a intenção comunicativa do locutor é ser mais expressivo, e ele indexa suas crenças, valores e atitudes no conteúdo proposicional, estamos diante de um processo de subjetivização. Ademais, quando o locutor, além de codificar seu ponto de vista na proposição, marca linguisticamente sua preocupação com a interação comunicativa, temos um processo denominado intersubjetivização. É nesse contexto que Traugott (2010) propõe o *cline* [- subjetivo] → [+ subjetivo] → [+ intersubjetivo] para a mudança linguística.

Outro mecanismo atuante na criação de novas construções na língua é a analogização. A analogização, mecanismo de mudança que ocorre no eixo paradigmático, promove o alinhamento de um novo pareamento forma-função a um esquema construcional mais geral e mais abstrato. Nesse contexto, propriedades formais e funcionais de uma nova construção são correlacionadas a propriedades de forma e função de um padrão já existente, que funciona como uma representação exemplar na rede (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Ainda no eixo paradigmático, a motivação para a mudança pode se dar através do processo cognitivo da metaforização, que constitui uma projeção entre domínios conceptuais distintos: as experiências mais concretas dos seres humanos servem de base para a projeção de experiências mais abstratas. Nesse sentido, as metáforas funcionam como uma representação exemplar para o surgimento de novas construções na língua (TRAUGOTT, 2011).

Além da mudança linguística, defendemos neste artigo que a variação linguística também pode ser compreendida no âmbito da construcionalização gramatical se entendermos, como Hopper (1991), que, em estágios iniciais de mudança, ocorre a estratificação (ou

layering). De acordo com o princípio da estratificação, novas camadas ou novos pareamentos forma-função podem conviver ou competir com padrões construcionais já fixados na língua. Oliveira e Arena (2016) consideram que novas construções, mais pesadas e mais icônicas, são utilizadas pelos locutores que buscam atingir propósitos comunicativos mais intersubjetivos, agindo sobre seus interlocutores; já as construções já fixadas na língua seriam mais leves.

Assim como Oliveira e Arena (2016), entendemos a competição pelo uso não apenas em termos de substituição de uma construção pela outra com o passar do tempo, mas, sim, a competição como um estágio passageiro – se um dos padrões for descartado pela comunidade linguística ou se um dos padrões se especializar com nova função – ou permanente – se a variabilidade no eixo paradigmático se tornar estável na língua.

Uma ponderação que fazemos é que o princípio da não sinonímia, proposto por Goldberg (1995), que rege a noção de construção (pareamento forma-função) no âmbito da GC e, conseqüentemente, no contexto da construcionalização, não inviabiliza o reconhecimento e o tratamento da variação linguística. Consideramos, que mesmo estando em variação, não há correspondência total entre as construções variantes. Conforme a própria Goldberg (1995) afirma, duas ou mais construções distintas em sua estrutura formal podem ser **semanticamente ou pragmaticamente** diferentes. É nesse contexto que assumimos que, por exemplo, em uma mudança em curso, ainda que duas ou mais construções sejam conceitualmente semelhantes e estejam variando no uso, diferenças pragmáticas podem se fazer presentes.

Portanto, neste artigo, pretendemos demonstrar que o modelo proposto por Traugott e Trousdale (2013), no âmbito da GC, é capaz de abarcar fenômenos linguísticos em mudança e/ou em variação mesmo quando adotamos uma perspectiva sincrônica de análise.

Perspectiva sincrônica

Embora Traugott e Trousdale (2013) tenham proposto um modelo teórico-metodológico para a compreensão de fenômenos diacrônicos na língua, a partir das dimensões da mudança construcional e da construcionalização, assumimos que este, ainda assim, é extensivo às mudanças linguísticas, e até mesmo às variações, que ocorrem na língua em tempo presente.

É nesse contexto que Rosário e Lopes (2017) propõem a denominação “construcionalização gramatical sincrônica”. Nessa direção, os autores argumentam que a própria definição de língua de Traugott e Trousdale (2013, p. 44, tradução nossa), a partir de Bybee (2010, p. 1), é coerente com os estudos da mudança em uma perspectiva sincrônica de

análise: “a língua é um fenômeno que exhibe estrutura aparente e regularidade de padrões ao mesmo tempo em que apresenta considerável variação em todos os níveis”.

A esse respeito, Martins Dall’Orto e Cunha Lacerda (2019, p. 186) argumentam que “uma análise sincrônica dos dados nos permite, também, observar a extensibilidade de padrões a partir da perspectiva da analogização, sem necessariamente negarmos a mudança linguística em micropassos – isto é, do ponto de vista de uma sucessão de neoanálises”. E, no presente artigo, demonstramos que, partindo do princípio de que as construções da língua tendem a ser cada vez mais intersubjetivas, isto é, cada vez mais expressar os posicionamentos do locutor, bem como a preocupação do locutor com a interação – e, conseqüentemente, assumindo o *cline* [- subjetivo] → [+ subjetivo] → [+ intersubjetivo] –, a análise sincrônica da mudança é capaz de refletir os micropassos, a sucessão de neoanálises morfossintática e semântico-pragmática.

É nesse contexto que apresentamos dois estudos de caso de mudança linguística em perspectiva sincrônica, (i) um acerca das construções com “então”, através do qual observamos a atuação do mecanismo da neoanálise – a expansão morfossintática e semântico-pragmática no eixo sintagmático –, (ii) e outro acerca de construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, por meio do qual verificamos a atuação da analogização – a extensibilidade de padrões a partir de exemplos no eixo paradigmático – e, ainda, a variação linguística.

Portanto, assim como destacam Martins Dall’Orto e Cunha Lacerda (2019, p. 187), acreditamos que o modelo proposto por Traugott e Trousdale (2013) “seja, sim, capaz de fornecer ferramentas para pensarmos na maneira com que microconstruções individuais articulam esquemas gerais ao mesmo tempo em que são por eles afetadas mesmo em uma amostra sincrônica”. Em outras palavras, o estudo sincrônico nos possibilita a identificação dos três níveis de esquematicidade propostos pelos autores, os quais organizam as construções em torno de uma rede construcional comum, evidenciando o processo de construcionalização gramatical via neoanálise e analogização – conforme demonstramos na seção seguinte.

Desse modo, os dois estudos de caso apresentados são pautados nas análises qualitativa e quantitativa dos dados, que foram extraídos dos seguintes *corpora*:

Quadro 1 – *Corpora* utilizados

Estudo de caso	<i>Corpus</i>
Construções com “então”	<i>Corpus</i> escrito: textos retirados de <i>blogs</i> e revistas disponíveis na internet, os quais são datados do ano de 2014.
	<i>Corpus</i> oral: vídeos da mídia social YouTube, datados do ano de 2014.

Construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”	<i>Corpus</i> escrito: textos retirados de <i>blogs</i> e revistas disponíveis na internet, datados dos anos de 2008, 2011 e 2014.
--	--

Fonte: elaboração própria.

Todas as ocorrências foram analisadas qualitativamente e quantitativamente no que se referem aos aspectos formais e funcionais das construções identificadas, conforme detalhamos na seção seguinte, em que apresentamos evidências empíricas de que é possível falarmos em mudança e em variação linguística no âmbito da construcionalização gramatical sincrônica.

Construções com “então”

A partir de uma pesquisa empírica e sincrônica de Durço (2019), em que foi realizado o mapeamento de microconstruções com “então” e foi proposta uma rede taxonômica em que estas se encontram agrupadas por semelhanças e diferenças entre si e distribuídas em níveis de esquematicidade, respeitando-se os graus de (inter)subjetividade a que estão ancoradas, obteve-se como resultado a constatação de que as construções com “então” na língua portuguesa estão alinhadas a um esquema mais geral, cuja representação formal é $\{X \leftarrow \text{então} \rightarrow (Y)\}^6$, com a função geral de realizar um apontamento fórico, de caráter focalizador e relacional, em uma relação entre constituintes, entre sentenças ou entre porções discursivas.

No nível imediatamente menos esquemático em relação ao esquema, apresentam-se três subesquemas, dispostos de acordo com os níveis de (inter)subjetividade em que se encontram: a) no subesquema 1, estão agrupadas as construções com função de circunstanciação temporal, com ancoragem em um marco temporal e caráter [- subjetivo]; b) no subesquema 2, estão alocadas as construções que apresentam como função basilar a conexão entre sentenças, com ancoragem sentencial e caráter [+ subjetivo]; c) no subesquema 3, encontram-se as construções com função de marcador discursivo – doravante, MD – atuando no nível intertextual e interpessoal, com ancoragem no discurso e caráter [+ intersubjetivo]. Partindo dessa classificação de Durço (2019), vejamos os seguintes exemplos:

(1) Não é a primeira vez que uma celebridade alemã acaba na cadeia por sonegação de impostos. (...) Em 2009, Klaus Zumwinkel, **então** presidente da Deutsche Post, maior empresa de logística da Alemanha, livrou-se da prisão, mas pagou multa de 1 milhão de euros. A diferença desta vez é a notoriedade do acusado. (*Corpus* revistas 2014)⁷

⁶ X e Y são variáveis relacionadas por “então”, que sofrem alterações estruturais de acordo com o subesquema em que se encontram.

⁷ Disponível em: <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/1080/noticias/contra-o-tempo?1>. Acesso em: 2 out. 2015.

(2) Não dá pra viver só de enfiar o pé na jaca, **então** durante a semana eu tento me alimentar de maneira mais leve e saudável. (*Corpus blogs* 2014)⁸

(3) J: com esse negócio da paternidade cê teve que frequentar muitos cursos?

F: **então**... eu eu tinha muito medo assim de ser pai porque eu sou uma pessoa muito egoísta né... e e aí eu fiquei com medo... eu falei pô será que eu não vou conseguir cuidar e tal... então foi fácil da minha mulher me convencer a fazer o pior curso da minha vida... que é o curso de ser pai... na maternidade/ qual é o nome da maternidade que a gente teve o bebê? (*Corpus oral* 2014)⁹

Nos exemplos expostos, do ponto de vista da construcionalização gramatical, encontram-se três construções diferentes, representativas dos três subesquemas presentes na rede das construções com “então”: (i) a primeira indicando circunstanciação temporal, (ii) a segunda, conexão, e (iii) a terceira, marcação discursiva.

A microconstrução presente em (1) pode ser formalmente representada por $\{[X]_{s1} \leftarrow [(\text{det}) \text{então} \rightarrow Y]_{s2}\}$, em que “(det)” é um *slot* preenchido por um determinante – que não aparece nesse construto – e em que X e Y são constituintes de sentenças diferentes, relacionados por “então”. Funcionalmente, “então” indica uma circunstância de tempo, situando o elemento predicativo à sua direita – presidente da Deutsche Post – em relação ao marco temporal mencionado – o ano de 2009, podendo ser parafraseado por “naquela época”. Pelo fato de se tratar de uma relação temporal entre constituintes, trata-se de uma construção [- subjetiva] dentro da rede construcional desenhada por Durço (2019), considerando-se o *cline* de intersubjetividade proposto por Traugott (2010).

A segunda microconstrução, contida no exemplo (2), é formalmente representada por $\{[X] \leftarrow [\emptyset \text{então} \rightarrow Y]\}$, em que \emptyset significa ausência de outro conector, enquanto X e Y, duas sentenças distintas. Nesse caso, “então” atua com função de conector, uma vez que estabelece uma relação lógico-semântica de causa e efeito entre duas sentenças, isto é, o fato de o sujeito ter que se alimentar de maneira mais leve e saudável na semana seguinte é decorrente do fato implícito de que o sujeito da enunciação enfiou o pé na jaca, inferível a partir da premissa estabelecida por ele na sentença “não dá pra viver só de enfiar o pé na jaca”. Trata-se de uma relação conclusiva e, embora ainda se possa constatar a presença da iconicidade¹⁰ na construção, esta não se dá mais no plano temporal, mas entre proposições, estabelecida no plano textual-discursivo, o que nos leva a considerá-la [+ subjetiva] dentro da rede proposta.

⁸ Disponível em: <https://www.2beauty.com.br/blog/2014/03/20/3-instagramms-para-seguir-se-voce-gosta-de-receitas-light/>. Acesso em: 19 mai. 2015.

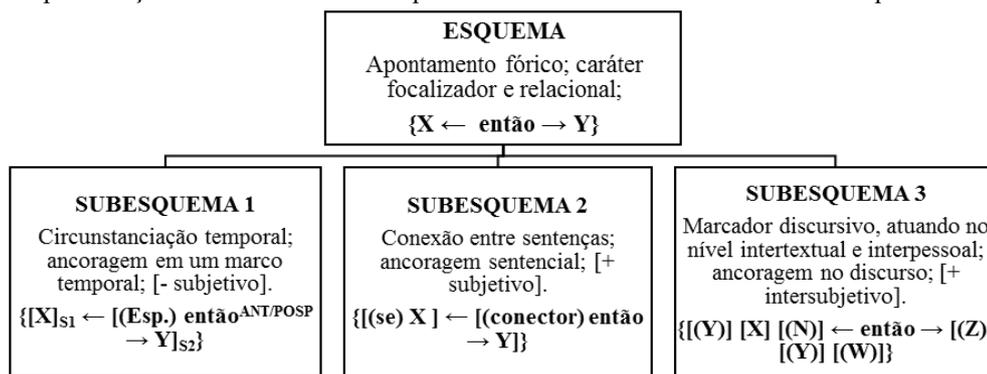
⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com>. Acesso em: 8 mai. 2015.

¹⁰ A iconicidade, em termos de integração, presente nesta construção, não se dá no plano temporal, mas entre proposições com relação de causa e efeito.

No exemplo (3), representativo da microconstrução cuja forma pode ser descrita por **L1: {[X] L2: ← então ...→ [Y]}**, em que L significa “locutor” e X e Y, segmentos textuais distintos na interação verbal, “então” encontra-se na função de MD, prefaciando a resposta de L2, a fim de organizar o tópico discursivo, além de demonstrar o alinhamento de L2 com a pergunta de L1, bem como seu engajamento na interação verbal, sendo, pois, integrante de uma construção [+ intersubjetiva]. Logo, “então” desempenha funções que extrapolam o textual, alcançando efeitos no plano dialógico-discursivo, à medida que relaciona atos de fala distintos dentro da interação face a face, com um escopo bem mais amplo – todo o ato de fala subsequente – do que os representados nas duas primeiras construções – constituinte e sentença, respectivamente.

Essas três microconstruções apresentadas são representativas, respectivamente, dos três subesquemas encontrados na rede proposta por Durço (2019), esquematizados a seguir:

Figura 1 – Representação dos dois níveis hierárquicos da rede construcional de “então”: esquema e subesquemas



Fonte: Durço (2019, p. 100).

Como se pode verificar na figura 1, em uma escala crescente de intersubjetividade, as microconstruções do subesquema 3 estão um passo à frente em relação às do subesquema 2, que, por sua vez, engloba microconstruções um passo à frente em relação às do subesquema 1. Partindo do modelo desenvolvido por Traugott e Troudale (2013), no que se refere aos níveis de esquematicidade, as microconstruções encontradas no *corpus* sincrônico constituído para esta pesquisa foram agrupadas por similaridades, obtendo-se como resultado três subesquemas, os quais, apoiados no esquema mais abstrato – cujas funções centrais são a foricidade e o caráter focalizador e relacional – instanciam microconstruções cada vez mais intersubjetivas na língua demonstrando estarem envolvidas em um processo de construcionalização gramatical.

Ainda, ao dispormos as microconstruções com “então” na rede, seguindo esse critério de níveis de intersubjetividade, evidenciamos ainda aumento nos níveis de abstratização e de

produtividade e diminuição na composicionalidade, fatores que, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), estão diretamente relacionados à mudança linguística.

Com relação à frequência de uso, temos o seguinte:

Tabela 1: Frequência *token* e *type* da rede construcional de “então”

Frequência	Subesquema 1		Subesquema 2		Subesquema 3		Total	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
<i>Token</i>	127	12,59%	215	21,31%	667	66,10%	1009	100%
<i>Type</i>	5	20%	7	28%	13	52%	25	100%

Fonte: Durço (2019, p. 162)

Ao analisarmos os dados da tabela 1, verificamos que há um aumento, tanto na frequência *token*, quanto na frequência *type*: o subesquema 1 apresenta 127 ocorrências e 5 microconstruções com função basilar de circunstanciação temporal; por outro lado, o subesquema 2 engloba o total de 215 ocorrências e 7 microconstruções com função de conexão; já o subesquema 3 contém 667 ocorrências e 13 microconstruções com função de marcação do discurso. Como podemos notar, à medida que há um aumento no grau de intersubjetividade, há também um aumento tanto na frequência de uso, quanto na instanciação de novas microconstruções dentro de cada subesquema, demonstrando um aumento na produtividade e na esquematicidade de um subesquema em relação ao outro.

Além disso, como pudemos verificar nos exemplos de 1 a 3, há uma expansão semântico-pragmática e morfossintática nas microconstruções com “então”, uma vez que a noção de tempo é transportada metaforicamente para o plano textual-discursivo e reinterpretada no plano interacional, o que coincide também com uma ampliação no escopo de “então” nos três subesquemas, indo do constituinte, passando pela sentença e chegando a uma porção textual, no subesquema 3. Essa expansão semântico-pragmática e morfossintática é visível também na figura 1, onde temos explicitados os três pareamentos distintos de forma nova e função nova, o que comprova estarmos diante de construções distintas na língua, resultantes de um processo de construcionalização gramatical. Sendo assim, a organização das construções com “então” em um *cline* de (inter)subjetividade é capaz de refletir a mudança ocorrida através do tempo, isto é, a sucessão de neoanálises morfossintática e semântico-pragmática, mediante um processo de associação e contiguidade para diferentes contextos discursivos.

Essas descobertas acerca das construções com “então”, tendo em vista um *corpus* sincrônico, encontram-se alinhadas com pesquisas diacrônicas já realizadas, mesmo que em outra perspectiva, o que nos leva a defender ser possível utilizar o modelo proposto por

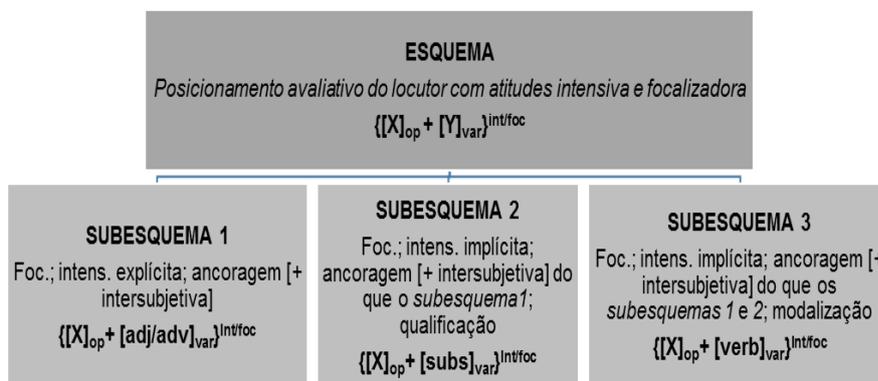
Traugott e Trousdale (2013) para atestar resultados de processos de construcionalização gramatical.

Construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”

Martins Dall’Orto (2018) denomina construções avaliativas os pareamentos forma-função em que “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” atuam no posicionamento avaliativo do locutor, intensificando e focalização material subsequente, cumprindo, dessa maneira, propósitos comunicativos que diferem de seus usos como prefixos.

Em contexto de posicionamento avaliativo do locutor, em posição anteposta ao escopo, a autora verifica que “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” podem desempenhar as funções de advérbio, de adjetivo e de modalizador, preenchendo o *slot* de três domínios funcionais distintos (ou subesquemas), a saber, respectivamente, o da intensificação, o da qualificação e o da modalização, conforme observamos a seguir:

Figura 2 – Representação da rede de construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”: esquema e subesquemas



Fonte: adaptada de Martins Dall’Orto (2018, p. 209).

Preenchendo *slot* no domínio funcional da intensificação (subesquema 1), “super”, “mega”, “hiper” e/ou “ultra”, além de intensificarem explicitamente o elemento subsequente, que pode ser um adjetivo ou um advérbio – ou locuções adjetivas e adverbiais –, focalizam seu escopo, de maneira a dar proeminência à informação que o locutor deseja colocar em evidência em seu discurso, conforme observamos nos exemplos seguintes:

(4) Ana Carolina é descrita pelos amigos como uma mãe amorosa. Funcionária do Unibanco, tem fotos de Isabella na mesa de trabalho e falava dela com frequência para os colegas. “Mesmo a Carol sendo superjovem, sempre assumiu a filha com muito orgulho. (*Corpus revistas* 2008)¹¹

¹¹ Disponível em: https://istoe.com.br/2363_A+MORTE+INACEITAVEL+DE+ISABELLA. Acesso em: 11 jun. 2015.

(5) Mestra na arte de combinar skinny pants com camisas meio boyfriend de uma maneira ultra charmosa, ela aposta nessa mesma fórmula em todos os looks, mudando apenas os materiais – jeans, tecido plano, couro... Como terceira peça, o eleito é quase sempre um paletó **mega bem cortado** (Ela adora Balmain ok gente? #realidades kkkk) ou casacão com pele se estiver fazendo muito frio. (*Corpus blogs* 2011)¹²

(6) Cá estou em meu quarto no hotel de NY!!! Cheguei ontem **hiper cedo** e tá um superfrio que eu adoro. Em apenas dois dias já tenho muitas coisas pra contar mas claro que não posso ficar trancada no quarto quando em NY, portanto vocês vão ter que esperar um pouquinho! (*Corpus blogs* 2008)¹³

(7) As meninas me levaram para conhecer esse restaurante por quilo japonês que, se não é **ultra barato**, tem preço justo por causa da variedade e fartura. (*Corpus blogs* 2011)¹⁴

Nas microconstruções destacadas nos exemplos (4), (5), (6) e (7), “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, respectivamente, desempenham a função de advérbio de intensidade e de focalizador. Em (4), o escopo da intensificação é o adjetivo “jovem”; em (5), é a locução adjetiva “bem cortado”; em (6), é o advérbio “cedo”; e em (7), é o adjetivo “barato”. Diz-se, desse modo, que a intensificação nessas microconstruções é explícita devido ao fato de o conteúdo graduado encontrar-se na superfície do discurso. É nesse sentido que se considera que “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, estabelecendo-se em sintagmas adjetival e adverbial, são recrutados para o preenchimento do *slot* da intensificação, mediante um processo de analogização com o advérbio de intensidade mais prototípico “muito” – que também ocorre anteposto a adjetivos e a advérbios. É importante salientar aqui que, embora se defenda um processo de analogização com o advérbio “muito”, os advérbios “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” são conceptualizados pelos falantes como sendo mais expressivos do que “muito”.

Ademais, como se verifica nos contextos examinados, as microconstruções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” atuam no posicionamento avaliativo do locutor, a fim de convencer seu interlocutor de uma avaliação sobre si mesmo, sobre o outro ou sobre uma realidade. No exemplo (4), Ana Carolina é avaliada positivamente pelo seu amigo de infância Júnior Zanellato, que diz que “Mesmo a Carol sendo **superjovem**, sempre assumiu a filha com muito orgulho”. Já no exemplo (5), através da microconstrução “**mega bem cortado**”, o locutor exprime uma avaliação apreciativa positiva sobre o paletó usado por Emanuelle, colocando em relevo uma informação importante para a compreensão do texto. No exemplo (6), o locutor, por meio da microconstrução “**hiper cedo**”, avalia positivamente o fato de ter chegado cedo em Nova Iorque, tendo aproveitado bastante seu primeiro dia de viagem. E, por

¹² Disponível em: <http://www.garotastupidas.com/get-the-look-emanuelle-alt>. Acesso em: 4 maio 2015.

¹³ Disponível em: <http://diadebeaute.revistaglamour.globo.com/2008/01/28/de-ny>. Acesso em: 26 maio 2015.

¹⁴ Disponível em: <http://www.vendenafarmacia.com.br/2011/03/eu-sacolo-tu-sacolas.html>. Acesso em: 4 maio 2015.

fim, em (7), o locutor avalia de maneira positiva o restaurante japonês que conheceu, como se observa em “se não é **ultra** barato, tem preço justo por causa da variedade e fartura”.

Portanto, o domínio funcional da intensificação é representado formalmente, a partir do estudo das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” por Martins Dall’Orto (2018), da seguinte maneira: {[X] + [adj/adv]}. Nessa representação formal, “X” simboliza o *slot* a ser preenchido por “super”, “mega”, “hiper” e/ou “ultra”.

No domínio funcional da qualificação (subesquema 2), “super”, “mega”, “hiper” e/ou “ultra” desempenham a função de adjetivo qualificativo. Nesse contexto, além de intensificar de maneira implícita e de focalizar seu escopo, “super”, “mega”, “hiper” e/ou “ultra” também qualificam um nome subsequente, isto é, agregam traços às propriedades intencionais dos substantivos a que se referem. Vejamos os exemplos a seguir:

(8) Oi meninas!!! Entre os **super** presentes que eu ganhei da Dany (obrigado amiga linda!!!), estavam essas máscaras da Avon, que eu estava doida para testar!! (*Corpus blogs* 2008)¹⁵

(9) De todos os shows que eu tive a oportunidade de ver ao longo deste ano, o melhor e mais emocionante foi de longe o combo Muse e U2 em abril no Morumbi. **Mega produção**, músicas lindas, com direito ao muso Bellamy abrindo os shows, eu me esguelando em Uprising e tio Bono me emocionando a cada musica ””aliás, nunca vou esquecer do estádio inteiro cantando Beautiful Day. Lindo, lindo, lindo. (*Corpus blogs* 2011)¹⁶

(10) Seus cílios vão ficar finos e compridos e as chances de seu chefe achar que você é uma boneca inflável indo shake your rebotator na balada são mínimas. É o tipo do detalhe simples que faz você ficar mais bonita e arrumada sem que precise de uma **hiperprodução**. (*Corpus blogs* 2008)¹⁷

(11) De verdade, esse é o melhor lápis delineador que já usei, e olha que eu já usei vários (...) Mas não é que o produto é bom mesmo: é muito macio por isso desliza muito fácil, com uma passada já fica pretinho, é à prova d’água, aliás, é bem difícil de tirar pois tem **ultra** fixação. (*Corpus blogs* 2011)¹⁸

Nesses exemplos, as microconstruções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” atuam, diante de um nome, no posicionamento avaliativo do locutor com atitudes intensiva, focalizadora e qualificadora. No exemplo (8), com a microconstrução “**super** presentes”, o locutor avalia positivamente os presentes que ganhou de Dany. Nessa microconstrução, “super” qualifica o substantivo “presentes” – presentes muito bons, presentes incríveis –, de modo que a leitura intensiva fica a cargo da interpretação do leitor,

¹⁵ Disponível em: <http://maisquebonitas.com/2008/testandomascaras-da-avon>. Acesso em: 16 jun. 2015.

¹⁶ Disponível em: <http://borboletando.com.br/2011/12/borboletando-awards-o-que-eu-amei-em-2011/>. Acesso em: 12 abril 2015.

¹⁷ Disponível em: <http://www.vendenafarmacia.com.br/2008/11/joo-experimenta-e-conta-mscara-para.html?m=0>. Acesso em: 14 jun. 2015.

¹⁸ Disponível em: <http://www.vendenafarmacia.com.br/2011/05/resenha-da-leitora-nadia-lapis-de-olhos.html>. Acesso em: 16 jun. 2015.

ou seja, é alcançada nas entrelinhas do texto. No exemplo (9), o locutor faz uma avaliação positiva do show de Muse e U2 em abril no Morumbi, quando diz que foi uma “**Mega** produção, músicas lindas”; no exemplo (10), o locutor avalia positivamente uma determinada máscara de cílios como sendo de boa qualidade, podendo ser usada em produções mais simples, sem que seja necessária uma “**hiper**produção”; e, em (11), o locutor, faz uma avaliação positiva de um lápis de olho, que tem “**ultra** fixação”. Nos exemplos (8), (9), (10) e (11), as microconstruções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra”, em sintagma nominal, evidenciam menor saliência da intensificação e maior saliência do traço atributivo de qualidade.

A forma do domínio funcional da qualificação pode ser representada, a partir da investigação das construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” por Martins Dall’Orto (2018), da seguinte maneira: **{[X] + [subs]}**.

Por fim, no domínio funcional da modalização (subesquema 3), “super”, “mega”, “hiper” e/ou “ultra” funcionam como advérbio modalizador epistêmico asseverativo em sintagma verbal. Nesse contexto, além da indexação de posicionamento avaliativo, de intensificação implícita e de focalização, há, ainda, a codificação do comprometimento do locutor com veracidade da proposição. Observemos os exemplos abaixo¹⁹:

(12) Eu fico fascinada por esse universo de personalizações da Louis Vuitton, sem dúvida meu item de maior desejo ainda é o porta passaporte, mas **super me vejo** usando uma Bandolière ou uma mala de mão (das de rodinha) personalizada. (*Corpus blogs* 2014)²⁰

(13) E: Não rolam comparações entre vocês e até mesmo com artistas como Fafá de Belém e banda Calypso?

I: Não. Eu **megarrespeito** artistas como a Fafá, que é maravilhosa. Acho a banda Calypso incrível. Não tenho esse pensamento de que vou tomar o lugar delas. (*Corpus* 2011 revistas)²¹

Nos exemplos (12) e (13), as microconstruções com “super” e “mega”, além de enfatizarem a informação que os locutores pretendem dar relevo em seu discurso, modalizam a proposição de maneira assertiva. Em (12), a locutora avalia positivamente os produtos personalizados da marca Louis Vuitton e assevera, afirma, que super se vê usando “uma Bandolière ou uma mala de mão (das de rodinha) personalizada”. Nesse contexto, “super”, poderia ser “substituído” por “mesmo”, “de fato”, “realmente”, entre outros. Em (13), a locutora utiliza a microconstrução “megarrespeito” a fim de asseverar sua informação

¹⁹ No *corpus* de análise, não foram encontrados usos de “hiper” e “ultra” em sintagma verbal, o que não significa que as construções não existam na língua.

²⁰ Disponível em: <https://f-utilidades.com/tag/louis-vuitton/>. Acesso em: 11 mai. 2015.

²¹ Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/gaby-amarantos>. Acesso em: 14 jun. 2015.

colocada em destaque de que respeita, de fato, a cantora Fafá; de maneira a proteger sua face de uma possível desconfiança do interlocutor. Nesse sentido, entende-se que, nos exemplos (12) e (13), as microconstruções avaliativas com “super” e “mega” exprimem uma intensificação implícita, de modo que a força intensiva se transforma em força modalizadora.

A forma do domínio funcional da modalização pode ser representada, a partir da investigação das construções avaliativas com “super” e “mega” por Martins Dall’Orto (2018), da seguinte maneira: {[X] + [verb]}.

Observemos, a seguir, como as construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” se distribuem em termos de frequências *token* e *type*, no *corpus* de análise, em torno dos três domínios funcionais já descritos:

Tabela 2: Frequências *token* e *type* das construções avaliativas no *corpus* de análise

Construções avaliativas	Intensificação	Qualificação	Modalização	Total
Com “super”	1763	244	159	2166
Com “mega”	150	124	2	276
Com “hiper”	39	1	-	40
Com “ultra”	55	1	-	56
Total	2007	370	161	2538

Fonte: elaboração própria, baseada em Martins Dall’Orto (2018).

No que diz respeito à frequência *type*, ou número de padrões construcionais que compõe uma construção mais esquemática (BYBEE, 2011; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), foram encontrados 3 subesquemas (ou domínios funcionais) e 7 microconstruções no subesquema 1, 4 microconstruções no subesquema 2 e 2 microconstruções no subesquema 3.

De acordo com a tabela 2 acima, no que tange à frequência *token*, ou número de ocorrências de determinado padrão construcional em um *corpus* de análise (BYBEE, 2011; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), as microconstruções avaliativas com “super” são as mais frequentes no *corpus* investigado e as mais frequentes em cada um dos domínios funcionais analisados. Em um total de 2.538 ocorrências, foram encontrados 2.166 *tokens* com “super”, 276 com “mega”, 40 com “hiper” e 56 com “ultra”. Tais números nos levam a hipotetizar que as construções avaliativas com “super” configurariam modelos para o surgimento das construções avaliativas com “mega”, “hiper” e “ultra” na língua.

Dos 2.166 *tokens* com “super”, 1.763 ocorrem em contexto de intensificação explícita, em sintagma adjetival e adverbial; 244 ocorrem em contexto de qualificação, em sintagma nominal; e 159 ocorrem em contexto de modalização, em sintagma verbal. Para Martins Dall’Orto (2018), a alta frequência de ocorrências com “super” atuando como advérbio de intensidade sustenta a hipótese de que o advérbio de intensidade mais prototípico “muito”,

anteposto a adjetivo ou a advérbio, seria o grande exemplar do domínio funcional da intensificação. É nesse sentido que se assume que “super” preenche o *slot* da intensificação em muitos contextos em que “muito” não é suficiente para que o locutor expresse aquilo que realmente deseja.

O fato de “super” preencher o *slot* da intensificação não é arbitrário; existe, sim, uma motivação. Buscando ser cada vez mais expressivo, mediante o mecanismo da analogização, o usuário da língua cria um *link* por expansão metafórica entre “super”, prefixo latino que entra na língua portuguesa indicando posição vertical superior – como evidenciamos em “superpor” –, e o advérbio de intensidade “muito” (MARTINS DALL’ORTO, 2018). Nesse contexto, de acordo com Silva (2014), surge a projeção metafórica *Intensidade é localização*, que retoma a ideia de Lakoff e Johnson (1999) de que “mais é para cima ou para baixo” a depender da perspectiva adotada.

Além de “super”, outras formas mais expressivas passam a preencher o *slot* da intensificação, como são os casos de “mega”, “hiper” e “ultra”, que também são metaforizados, no eixo paradigmático, como advérbios de intensidade. Segundo Silva (2014), enquanto “super” e “hiper” designavam posição vertical no latim e no grego, respectivamente, “ultra” designava posição horizontal no latim e “mega” designava tamanho no grego. Assim, além da projeção *Intensidade é localização*, há ainda a projeção *Intensidade é tamanho*. E a diferença entre construções com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” estaria no nível de intensidade que expressam. Segundo o princípio da não sinonímia proposto por Goldberg (1995), duas ou mais construções que apresentam diferenças estruturais podem ser semanticamente ou pragmaticamente diferentes. Sendo assim, embora “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” pareçam intercambiáveis entre si, defende-se que diferenças funcionais devam ser consideradas.

Com base no cálculo da frequência de uso dos padrões construcionais individuais, Martins Dall’Orto (2018) hipotetiza que as microconstruções avaliativas com “super” seriam exemplares, em uma rede construcional, para a instanciação de microconstruções com “mega”, “hiper” e “ultra”, menos frequentes na língua e mais expressivas. Uma evidência disso está no fato de que, nas construções justapostas identificadas na amostra (como, por exemplo, em “super mega interessante” e “super hiper ultra mega resistente”) – 39 ocorrências –, “super” ocorre, na maioria das vezes, em posição anteposta a “mega”, “hiper” e “ultra” – 34 ocorrências. Tal anteposição de “super” nessas construções nos sugere que os locutores pretendem um crescente de expressividade, sendo “super” a forma menos expressiva na língua devido à rotinização.

Todavia, por se tratar de uma mudança em curso na língua, reconhece-se que não é possível traçar uma escala de expressividade entre “mega”, “hiper” e “ultra”. Tal como demonstrado por Martins Dall’Orto (2018), o próprio locutor, demonstrando-se indeciso quanto a tal escala de expressividade, alterna suas posições nas construções justapostas (como, por exemplo, em “**super mega hiper** cheioso” e “**super hiper ultra** justos”). A hipótese defendida por Martins Dall’Orto (2018) é a de que “mega”, “hiper” e “ultra” ainda não fixaram posição em uma escala de crescente expressividade. É importante destacar que, embora “mega”, “hiper” e “ultra” ocorram em construções justapostas em mesmo contexto de uso, tais formas, individualmente, estão em competição pela posição em uma escala de expressividade, podendo chegar, ou não, a uma especialização de suas funções com o passar do tempo.

É nesse contexto que assumimos, assim como Martins Dall’Orto e Cunha Lacerda (2019, p. 200), que a construcionalização gramatical sincrônica, quando analisada do ponto de vista da analogização, “é capaz de refletir a atração morfossintática e semântico-pragmática e a extensibilidade de padrões, para diferentes contextos discursivos, a partir de representações exemplares”, possibilitando-nos atestar tanto resultados de processos de construcionalização gramatical, bem como mudanças em curso, que pressupõem estágios de variação.

Considerações finais

A discussão empreendida no presente artigo teve origem, como destacamos na “Introdução” do texto, nos seguintes questionamentos: i) É possível falarmos em mudança e em variação a partir da perspectiva da construcionalização gramatical sincrônica? ii) Uma análise linguística pautada na sincronia seria capaz de captar a mudança ocorrida através do tempo? iii) Que lugar ocuparia a variação linguística no âmbito da perspectiva da construcionalização gramatical? A fim de responder a essas questões, apresentamos evidências de dois fenômenos linguísticos do português brasileiro analisados sob a ótica da construcionalização gramatical sincrônica, com base no modelo teórico-metodológico proposto por Traugott e Trousdale (2013), mais especificamente no estabelecimento dos três níveis esquemáticos (esquema, subesquema e microconstrução).

Nesse contexto, as análises apontaram que, a depender do objeto e dos objetivos do pesquisador, é possível falarmos em mudança e em variação, sob o enfoque do mecanismo da neoanálise e do mecanismo da analogização, mesmo a partir da perspectiva construcionalização gramatical sincrônica. O mapeamento de microconstruções com “então”, sob o enfoque no mecanismo da neoanálise, foi capaz de refletir a dinamicidade da língua,

que está sempre em transformação. Observou-se, assim, que padrões construcionais já fixados pela comunidade linguística podem se expandir morfossintática, semântica, pragmática e discursivamente, dando origem a novos padrões construcionais, de maneira que ambos coexistam, em determinado momento do tempo, tanto em seu *status* original quanto em seu *statu* construcionalizado. Além disso, pudemos verificar a expansão semântico-pragmática e morfossintática das microconstruções com “então”, a partir de sua organização entorno de um *cline* de crescente intersubjetividade. Sob o viés do mecanismo da analogização, a investigação das construções avaliativas com “super”, “hiper”, “mega” e “ultra” – construções altamente frequentes e atuais na língua – nos possibilitou verificar a atração morfossintática e semântico-pragmática e a extensibilidade de padrões, a partir de representações exemplares, além da variação em termos de competição pela posição em uma escala de expressividade.

Todavia, ressaltamos, aqui, a necessidade de uma agenda de trabalhos futuros pautados em estudos sobre a construcionalização gramatical em perspectiva sincrônica, os quais podem ser associados à perspectiva diacrônica de investigação, a fim de confirmar ou não os resultados encontrados.

Referências

- BYBEE, J. L. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. L. Usage-based theory and grammaticalization. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). **The Oxford handbook of grammaticalization**. New York: Oxford University Press, 2011. p. 69-78.
- CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. New York: Oxford University Press, 2001.
- DURÇO, A. P. G. **Mapeamento de microconstruções com “então”**: uma proposta de rede construcional. 2019. 176 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. E. A constructionist approach to language. In: **Workshop em XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática**, 2016.
- HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.). **Approaches to grammaticalization**. v. I. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p.17-35.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**. New York: Basic Books, 1999.

MARTINS DALL'ORTO, L. F. **Construções avaliativas com “super”, “mega”, “hiper” e “ultra” na língua portuguesa - uma proposta de rede construcional a partir da Linguística Funcional Centrada no Uso**. 2018. 225 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

MARTINS DALL'ORTO, L. F.; CUNHA LACERDA, P. F. A. Construcionalização gramatical sincrônica: evidências a partir da análise de construções avaliativas com -super- e -mega- na língua portuguesa. **Revista Soletras**, v. 37, n. 1, p. 179-203, 2019.

OLIVEIRA, M. R. de; ARENA, A. B. Arquitetura construcional e competição pelo uso. In: **XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática e VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

ROSÁRIO, I. da. C. do; LOPES, M. G. Construcionalização gramatical em perspectiva sincrônica. In: **Apresentação em XXII Seminário Nacional e IX Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática**. Niterói: UFF, 2017.

SILVA, J. R. **O grau em perspectiva: uma abordagem centrada no uso**. São Paulo: Cortez, 2014.

TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (Eds.). **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization**. Berlim/New York: De Gruyter Mouton, 2010. p. 13-26.

TRAUGOTT, E. C. Pragmatics and language change. In: ALLAN, K.; JASZCZOLT, K. M. (Eds.). **The Cambridge Handbook of Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. p. 549-565.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. New York: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Sobre as autoras

Lauriê Ferreira Martins Dall'Orto (Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0001-8864-8626>)

Doutora e mestra em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); especialista em Ensino de Língua Portuguesa e graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e respectivas Literaturas e em Língua Italiana e respectivas Literaturas pela UFJF. É bolsista de Pós-Doutorado (PNPD/CAPES) no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da UFJF.

Ana Paula Gonçalves Durço (Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0002-9393-7198>)

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); mestra em Letras pela UFJF; graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e em Latim, e respectivas Literaturas, pela UFJF. É professora da Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora.

Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0002-0970-224X>)

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com pós-doutoramento pela mesma instituição; mestra em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); graduada em Letras pela UFJF. É Professora da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFJF.

Recebido em junho de 2020.

Aprovado em julho de 2020.